

Ainda a violência

A violência persiste e grassa. E não há nada de novo nisso, tanto que é possível percorrer a história da humanidade através do prisma da violência. Ela acontece em todos os âmbitos da experiência humana, desde aqueles ambientes mais simples, como na intimidade de casais, famílias e pequenos grupos, até à complexidade das relações entre estados nacionais e grandes corporações industriais, financeiras e religiosas.

O mundo humano na sua versão ocidental parece não ter desistido de buscar cumprir o ideal iluminista de ver acontecer o progresso apenas sob a guia da razão, mas, ao mesmo tempo, dá-se conta de que o progresso almejado tem implicado também o aumento significativo e criativo da violência. Se houver dúvida disso, basta trazer à memória as duas grandes guerras do século XX, bem como seus desdobramentos que chegam a estes primeiros lustros do século XXI.

Com efeito, enquanto fenômeno propriamente humano, a violência diz respeito à Ética, pois se insere no âmbito das ações humanas, isto é, a violência se caracteriza por dar cabo a uma ação que utiliza a força em relação a outrem que parecia seguir um curso espontâneo e natural. Vem à tona, pois, o conceito de natureza, cuja característica principal consiste no movimento e também na finalidade, como ensinava a lição do velho Aristóteles.

A violência revela assim que a relação entre os humanos se mostra um dado constitutivo e essencial de sua existência ou, para melhor dizer, de sua coexistência. Os homens não simplesmente vivem, mas convivem entre si. É-lhes imposta, por assim dizer, a tarefa de construir sua coexistência enquanto seres caracterizados em última instância pelo conhecimento e pela liberdade.

Conhecimento e liberdade dão aos humanos a prerrogativa da criatividade e da invenção contínuas. Os homens nunca estão acabados e se veem sempre a processar incessantemente experiências. Isso vale também para a violência. Os tempos atuais, marcados pelo grande desenvolvimento tecnológico, conhecem como nunca o aprimoramento da violência justamente no campo da tecnologia e do saber.

As chamadas redes sociais assumiram não apenas o papel de nova ágora para o encontro e o diálogo entre as pessoas, mas se tornaram ringues virtuais, em que a violência impera e se mostra como quase que como a única expressão humana possível. Palavras e imagens se combinam para a agressão alcançar um poder de golpe que chega ao mais íntimo recôndito psicológico das pessoas, para feri-las e machucá-las como qualquer tipo de arma.

As armas físicas sofisticaram-se e chegaram à mão de muita gente, de modo que nos ambientes urbanos (desenvolvidos e subdesenvolvidos) elas são usadas para todo tipo de investida: assaltos, assassinatos, intimidações. Isso sem falar da indústria bélica que não para de crescer e se desenvolver em vários campos do mundo.

Nesse sentido, cabe lembrar que as eleições brasileiras de 2018 foram marcadas pela sutileza dessas novas formas de violência.

Trazemos, pois, à mente dois episódios. O primeiro deles diz respeito à visita de um dos candidatos à presidência à sede de um importante arcebispado brasileiro. O candidato fazia apologia aberta à posse e ao uso de armas, bem como a outros tipos de violência. Sua campanha tinha por marca registrada o gesto de simular com as mãos o uso de um revólver. Quando dessa visita, funcionárias daquela instituição não hesitaram em demonstrar o seu apoio a esse candidato e decidiram postar uma foto em apoio à campanha do candidato pró-armamento em uma das redes sociais. A foto estampava quase todas elas em gesto de empunhar armas e tinha por pano de fundo a imagem do Sagrado Coração de Jesus. A fotografia e o modo de sua divulgação retratam a novidade da violência em nossos dias. A devoção ao Coração de Cristo centra-se no anúncio do amor misericordioso de Deus para com a humanidade inteira. O Cristo apresenta e oferece o seu coração, isto é, ele ama os seus até o fim (cf. Jo 13,1) e espera de seus seguidores um compromisso com esse amor incondicional. Não há nenhum espaço para a violência na estrada de um seguidor de Cristo. No entanto, o gesto ficou só no gesto e carregou consigo a pecha da violência. A postagem, pois, mostrou-se canal de violência. É difícil pensar no que poderia ser feito para reparar esse gesto violento. Fica apenas a certeza de que a violência se fez ver.

Outro episódio das eleições brasileiras que evidenciam a novidade que os tempos atuais dão à violência consiste na utilização das assim chamadas *fake-news*. Houve denúncia de que notícias falsas alastradas de modo avassalador foram determinantes para garantir a vitória de candidatos nas últimas eleições. Mas nada foi feito. O episódio em si mesmo pode ser enquadrado como crime eleitoral, o que compromete a legitimidade da vitória de presidente e vice-presidente eleitos. Pessoas e instituições, cuja tarefa consiste em salvaguardar a democracia, demonstram estar imersas no marasmo que se cala diante de evidências que pedem uma ação contra esse novo tipo de violência. Mas, a violência diz a última palavra e segue seu curso sem ser detida.

Estes dois episódios explicitam a novidade da violência em nossos dias. Será que teremos criatividade e serenidade e inteligência para superá-la?

Delmar Cardoso

Editor